

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO ALUNO ADOLESCENTE NO DOCUMENTÁRIO *PRO DIA NASCER FELIZ*, DE JOÃO JARDIM

Jane das Graças Nogueira¹

RESUMO: O documentário *Pro Dia Nascer Feliz*, de João Jardim, a respeito da educação no Brasil, possibilitou observarmos a apresentação, a representação e a construção da juventude, em especial, do aluno adolescente, exibido nas cenas selecionadas. Esse artigo traz a síntese da pesquisa, caracterizada como bibliográfica e interpretativa, apresentada no ano de 2019, no curso do Mestrado em Letras na Universidade Vale do Rio Verde- UNINCOR, com o objetivo de analisar como o referente aluno adolescente é construído e reconstruído nos recortes de cenas do documentário. Esta pesquisa ancora-se nos pressupostos da Linguística Textual (LT), evocando considerações sobre referenciação, o texto e a textualidade; “O documentário: um gênero audiovisual” e estratégias de construção da imagem do aluno adolescente no documentário *Pro dia nascer feliz*. Verificamos, a partir dos objetivos propostos, que a educação transforma-se no decorrer dos anos. Muda-se o currículo, capacitam-se os docentes, reformam-se a parte física, mas não se tem um olhar para o aluno adolescente. Nessa fase, o jovem vive em conflitos com a escola, a família e a sociedade. Portanto, a comunidade escolar deve valorizar o aluno adolescente nas suas especificidades, viabilizando a comunicação e a interação no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno adolescente; Documentário; Documentário *Pro dia nascer feliz*; Linguística Textual; Texto.

ABSTRACT: *Pro dia nascer feliz*, made it possible to observe the presentation, representation and construction of youth, especially the adolescent student, shown in the selected scenes. This article brings the synthesis of the research, characterized as bibliographic and interpretative, presented in the year of 2019 in the course of the Master in Letters at the University of Vale do Rio Verde - UNINCOR, with the objective to analyze how the referent adolescent student is constructed and reconstructed in the clippings. of scenes from the documentary. This research is anchored in the assumptions of Textual Linguistics (LT), evoking considerations about referencing, text, and textuality; “The documentary: an audiovisual genre” and Strategies for building the image of the adolescent student in the documentary *Pro dia nascer feliz*. We verify, from the proposed objectives, that education changes over the years. Change the curriculum, train teachers, reform the physical part, but do not have a look at the adolescent student. In this phase, the young lives in conflicts with the school, the family and the society. Therefore, the school community should value the adolescent student in their specificities, enabling communication and interaction in the school context.

KEYWORDS: Adolescent student; Documentary; Documentary *Pro dia nascer feliz*; Textual Linguistics; Text.

Introdução

Para os autores Luiz Carlos e Miriam Abramovay (2009, p. 23), a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade que categoriza os jovens de várias formas, atribuindo a eles múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, etc. Ora são considerados como o futuro das

¹ Mestre em Letras, vinculada à linha de pesquisa Discurso e Produção de Sentido. – Universidade Vale do Rio Verde UNINCOR/ Prefeitura Municipal de Três Corações – E-mail: janenogolive@hotmail.com – Lattes: <lattes.cnpq.br/6817479435618519>.

nações, ora são acusados de pensar e agir de forma irresponsável, comprometendo o desenvolvimento da autonomia e independência dos jovens.

O documentário *Pro dia nascer feliz*, objeto de nossa pesquisa, foi dirigido e roteirizado pelo cineasta e pesquisador João Jardim, entre os anos de 2004 e 2005. Nessa obra, o diretor aborda a situação da educação no Brasil, a partir da dinâmica das diferentes realidades vividas no contexto escolar público e particular, e fora dele, em três estados brasileiros: Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Elegemos como problema de pesquisa como a comunicação e a interação contribuem para a construção e reconstrução da imagem do “aluno adolescente” nos recortes de cenas do documentário brasileiro *Pro dia nascer feliz*. E, em consequência disso, quais são os sentidos associados à adolescência e à juventude estudantil no documentário. Para investigarmos esse problema, elegemos como objetivo geral analisar como o referente “aluno adolescente” é construído nos recortes de cenas do documentário citado, com a contribuição dos objetivos específicos: a) Compreender como o documentário organiza-se enquanto um gênero audiovisual; b) Verificar quais são as principais estratégias do texto oral e escrito, presentes nos recortes de cena, que remetem ao “aluno adolescente”; c) Analisar os sete fatores de textualidade na construção da imagem do aluno adolescente.

Nas linhas seguintes, empreenderemos a síntese de nossa dissertação, que teve duração de dois anos e debruçou-se sobre a análise de recortes do vídeo documentário analisado acima.

1. Fundamentação teórica: a Linguística Textual

Teoricamente, esta pesquisa está fundamentada na Linguística Textual (LT), área da Linguística caracterizada por compreender o texto como lugar de interação social, no qual falante/escritor e ouvinte/leitor são autores ativos e constroem o sentido do texto a partir de uma realidade mediada pela cognição. Tomamos, também, o documentário como gênero audiovisual e como gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana. Em relação à definição, o texto:

[...] pode ser tomando em duas acepções: texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é

manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido estrito). Nesse sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios e padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência. (FÁVERO; KOCH, 2002, p. 25)

Considerando as palavras de Fávero e Koch (2002, p. 30.), “[...] é possível dizer que o documentário é um texto que integra linguagem verbal (em sua modalidade falada), som e imagem, por isso é um gênero multimodal, manifestando a capacidade textual do autor/diretor em demonstrar seu ponto de vista sobre determinado tema”. A interação, no caso do documentário, dá-se entre autor/diretor, participantes do documentário e espectador. Desse modo, os dizeres dos participantes do documentário, ou melhor, o diálogo que travam com o autor/diretor e a forma como ele os alinhava para defender sua tese, podem ser entendidos como elementos de coesão e coerência entre a história e o contexto retratado.

Koch afirma, no livro *Introdução a Linguística Textual*, que, de acordo com Blikstein (2004, p. 51), o referente está diretamente ligado à significação linguística, e, ainda, representa a realidade extralinguisticamente, ou seja, o referente ou objeto de discurso é compreendido na dimensão da percepção/cognição que organiza o pensamento antes da própria linguagem. Para o autor, a realidade não passa de um produto da nossa percepção cultural, ou seja, percebemos os objetos através das nossas práticas culturais. No caso do documentário, o aluno é percebido pelos professores a partir do contexto de sala de aula, ou seja, a partir da prática social docente em lidar com esse aluno.

Assim, para se pensar o documentário, é preciso problematizar a noção de representação do real, conforme a época em que será produzido. As transformações conceituais, procedimentais e de linguagem pelas quais o documentário tem passado revelam que, como qualquer outro gênero textual-discursivo (MARCUSCHI, 2005, p. 53), ele não é fixo. Modificações sócio-históricas e tecnológicas provocam reconfigurações. Como, por exemplo, o chamado “documentário clássico”, que se caracteriza pela presença de uma voz *off*, onisciente e onipotente, que busca atestar uma verdade sobre o mundo representado. Aqui, uma característica predominante do documentário *Pro dia nascer feliz*.

Desse modo, acredita-se que, no diálogo entre autor/diretor e participantes do documentário – que versam sobre temas específicos, no caso do documentário objeto desta pesquisa, sobre o contexto escolar, com foco no aluno adolescente –, os recursos de texto e os

fatores de textualidade podem ficar evidentes nas falas de seus participantes, bem como as formas como os objetos de discurso são construídos e reconstruídos nos dizeres dos depoentes do documentário. Assim, os dizeres dos participantes do documentário, ou melhor, o diálogo que travam com o autor/diretor e a forma como ele os gerencia para defender sua tese podem ser entendidos como elementos de argumentação nos processos comunicativos para a representação do contexto retratado.

Adicionalmente, Fávero e Koch (2002, p. 25) descrevem que “[...] o texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita, que forme um todo significativo”. Nesta pesquisa, cabe observar os dizeres em sua forma falada, à luz do conceito de referência, texto e textualidade. Destacamos esse aspecto da pesquisa, pois é mais recorrente encontrar análise dos fatores de textualidade em textos escritos, sendo esse um diferencial deste trabalho. Há, nesta pesquisa, a intenção de mostrar a pertinência desse fenômeno, que tem como foco um referente principal, o aluno adolescente.

Em função disso, nosso *corpus* de análise foi constituído de recortes de dizeres dos alunos, professores e gestores que participaram do documentário. Também consideramos a voz *over*² como elemento passível de análise. O destaque foi dado às passagens do documentário cujo foco principal é o aluno, bem como aos dizeres sobre suas ações dentro e fora do espaço escolar. Efetuamos, como uma etapa da pesquisa, a transcrição dos recortes selecionados, ou seja, a passagem do texto falado para o texto escrito, que seguiu os processos de retextualização, tal como trabalhado por Marcuschi (2010, p. 67).

No que diz respeito à categorização e recategorização, Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2003, p. 22) apontam que as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são preexistentes, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Neste caso, as categorias e objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não verbais, nas negociações dentro da interação, reelaborando, assim, a categorização. Para as autoras, as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, “[...] sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconscientes; são

² “A voz *over*, também chamada de voz de Deus, é um recurso típico dos documentários em que a narradora está ali para contar a sequência dos fatos sem estar ligada à cena. Chama-se de voz de Deus porque a figura que conta é onisciente” Disponível em: <http://margofilmes.com.br/voz-over-voz-off-conheca-as-diferencas/>. Acesso em: 07 fev.2019.

controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22).

2. O documentário na esfera audiovisual

Segundo o autor Nichols, “O documentário não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (NICHOLS, 2012, p. 47).

O documentário enquanto gênero audiovisual surgiu com o avanço da tecnologia, que possibilitou a atividade cinematográfica, em um contexto histórico específico. Na obra *Introdução ao Documentário*, Bill Nichols² explica que a sua origem não tem a ver com uma intenção de algum diretor de “inventar” o documentário enquanto tal, mas, antes disso, o interesse dos criadores era de caráter experimental (NICHOLS, 2012, p. 116).

No final dos anos 1920 e início dos anos 30, o documentário enquanto gênero foi diferenciado da ficção no cinema. Conforme (Nichols 2012, p. 119), o termo foi criado pelo diretor escocês John Grierson³, em 1926. Este definiu documentário como “[...] o tratamento criativo da realidade”. Em paralelo ao trabalho do escocês, o diretor russo Dziga Vertov já realizava o seu “cinema verdade”, na União Soviética, mas foi com a escola britânica de Grierson que o documentário passou a existir com esse nome e ganhou uma base institucional.

Em 1922, o filme *Nanook, o Esquimó do Norte (Nanook of the North)*, de Robert Flaherty, levou o seu realizador John Grierson a ser conhecido como “pai do documentário”, segundo Nichols (2012). Foi esse filme que começou a delinear o formato que hoje reconhecemos como documentário: “Um gênero bastante heterogêneo, que se difere da ficção por reproduzir a realidade” (NICHOLS, 2012, p. 118-119). Grierson também foi o responsável pela forma como a produção do documentário é vista através da história e da contemporaneidade de forma relativamente estável. Os primeiros fenômenos existentes a partir do surgimento de uma base institucional foram apresentados e definidos por Nichols, em quatro ângulos distintos:

³ Grierson era um reformista moderado, com formação universitária em Filosofia Moral e Metafísica, que acabara de concluir uma especialização em Ciências Sociais e procurava os meios para colocar em prática um projeto de educação pública através do cinema (DARIN, 2014, p.55).

- a) Estrutura Institucional – o documentário é organizado conforme as instituições que fazem a sua produção, distribuição e exibição. (NICHOLS, 2012, p. 49);
- b) A comunidade dos profissionais – os documentaristas se encontram em festivais de filmes e documentários, compartilham suas ideias, seus problemas e debatem os temas a serem explorados, possuem vocabulário próprio desse gênero. (NICHOLS, 2012, p.53);
- c) O corpus de textos – um documentário é organizado, possui argumentos e afirmação ou explicação sobre um determinado tema que retrata o mundo histórico, (um resgate da história) sendo uma especificidade do gênero. (NICHOLS, 2012, p.54);
- d) O conjunto dos espectadores, a fidelidade dos instrumentos de gravação registra impressões (visões e sons), que dão sentido motivacional ao documento. O cineasta tem um envolvimento com o tema. (NICHOLS, 2012, p. 64)

Na descrição desses quatro ângulos, foi possível perceber a preocupação dos documentaristas em: organizar, compartilhar suas ideias, resgatar histórias, manter a fidelidade e a motivação das ações e impressões nas filmagens e gravações de um documentário. Para (NICHOLS, 2012, p. 68), o documentário possui uma característica de “discursos de sobriedade”, em sua maneira de cativar o público para saber mais sobre o mundo em que vivemos e compartilhamos. Sabendo que “[...] esse gênero preserva uma tradição de sobriedade em sua determinação de influenciar a maneira pela qual vemos o mundo e procedemos nele”, Nichols (2012) faz a seguinte afirmação:

[...] poder e responsabilidade residem no conhecimento; o uso que fazemos do que aprendemos vai além de nosso envolvimento com o documentário como tal, estendendo-se até o engajamento no mundo histórico representado nesses filmes. Nosso engajamento neste mundo é a base vital para a experiência e o desafio do documentário. (NICHOLS, 2012, p.71)

Analisando a citação, o espectador faz uso de suas experiências distintas e simples de mundo para refletir seus conhecimentos adquiridos e seu grau de satisfação, ao assistir a um documentário.

Para (Melo 2002, p. 28), “[...] o documentário não é o espelho da realidade, mas a representação de uma realidade”. Essa representação é construída no linear das cenas do documentário, pelo espectador, uma vez que o público pode ser capaz de interpretar as cenas, a partir dos seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado no documentário. Em seus estudos sobre a produção documentária, Nichols evidencia a classificação de dois tipos de filmes:

Os documentários de satisfação de desejos: expressam aquilo que desejamos, ou tememos que a realidade seja ou possa a vir a ser. Expressam nossos

desejos e sonhos, medos e pesadelos; são visíveis e audíveis. Os documentários de representação social são filmes que chamamos de não ficção. Torna visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser (NICHOLS, 2012, p. 26-27).

A partir dessa classificação específica, observada na produção de um documentário, Nichols percebe que os cineastas foram, no decorrer do tempo, delineando diferentes modos de representação. Para ele, os modos funcionam como subgêneros, que contribuem para a organização e a transmissão da mensagem no documentário. Vejamos os seis modos de representação:

- O modo poético – enfatiza o estético antes do retórico. Trabalha com associações visuais, qualidades rítmicas, passagens descritivas e organização formal;
- O modo expositivo- enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa;
- O modo observacional – enfatiza o envolvimento direto com a vida cotidiana dos sujeitos como se observados por uma câmera nãointrusiva;
- O modo participativo – enfatiza a interação entre o cineasta e o assunto;
- O modo reflexivo – chama atenção para os pressupostos e convenções que governam o ato de produção de um documentário, há aqui um foco no próprio processo derepresentação;
- O modo performativo – enfatiza o aspecto subjetivo do envolvimento entre o cineasta e o objeto. (NICHOLS, 2012, p.137-177)

Essa classificação dos modos de representação contribuiu para a construção da linguagem cinematográfica no documentário e oportunizou ao espectador analisar, de forma mais intensa, o contexto de produção de um documentário. Estes modos não necessariamente aparecem todos em um mesmo filme, mas, normalmente, observa-se a predominância de um deles.

O documentário *Pro dia nascer feliz*, objeto deste estudo, organiza-se sob a lógica do modo participativo, pois as entrevistas foram realizadas *in loco*, permitindo o encontro do cineasta João Jardim com o tema e as respostas dos participantes. Na entrevista, o autor/diretor conduz os participantes do documentário e se dirige ao público por comentário com *voz over*, isto é, quando ouvimos a voz de um personagem, mas não o vemos apesar dele estar fisicamente presente na cena.

Na visão de Noel Carrol (2005), a intenção ficcional é definida pela “[...] intenção do autor, cineasta ou emissor de uma estrutura de signos com sentido de que o público imagine o conteúdo da história em questão com base em seu reconhecimento de que, assim, o emissor

pretende que ele responda” (CARROL, 2005, p. 81). Portanto, parte da intenção do cineasta, da objetividade e da verdade que devem ser contempladas no filme para conquistar e/ou convencer o espectador do tema abordado.

Pode-se dizer, no entanto, que os documentários utilizam elementos e convenções de filmes de ficção, como roteirização, encenação e reconstituição. O contrário também acontece: alguns filmes ficcionais assumem elementos normalmente referentes aos documentários, como personagens da vida real, ou seja, não atores, câmeras portáteis manobradas pelos atores, improvisação, entre outros.

As autoras Priscilla Medeiros e Isaltina Gomes (2014, p. 165) citam, em seu artigo, como exemplo, o documentário brasileiro *Ilha das Flores*, do cineasta Jorge Furtado (1989), que se utiliza de uma narrativa ficcional para abordar o seu tema, que é a desigualdade social que existe por trás de todo o processo ligado ao ato do consumo. Esse filme inicia-se com o enunciado “Esse não é um filme de ficção”. Esse ato de enunciação, no qual o diretor afirma o que o filme não é, termina definindo o que ele é. Ocorre uma “autocategorização”. Se não é ficção é documentário, pode concluir o espectador. Outro filme de ficção como *A Bruxa de Blair* (MYRICA; SANCHEZ, 1999) construiu sua narrativa utilizando elementos do universo da não ficção. (MELO, 2002, p. 24-25).

É fato que o documentário é polêmico na história, teoria e crítica do cinema. Se observarmos os elementos que compõem um documentário, veremos que alguns deles como “[...] escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção não lhe garantem autenticidade e exclusividade” (MELO, 2002, p. 25-26), pois um filme ficcional também pode usar de tais estratégias, bem como a presença ou ausência de apenas um desses elementos.

São inúmeras as produções ficcionais que utilizam imagens ou sons documentais no sentido de dar maior ímpeto à narrativa. O percurso para a produção do documentário ancora-se em uma liberdade que, dificilmente, se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário vai sendo construído ao longo do processo de sua produção: “Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem” (MELO, 2002, p. 26).

De acordo com Penafria (1999, p. 109), o documentário dialoga com a simplicidade dos personagens reais do mundo em que habitamos. Como os diálogos não podem ser previamente escritos e costumam não ser previsíveis, diz-se que um documentário é o “argumento

encontrado”, pois o que é dito pelos personagens surge dos seus conhecimentos cognitivos adquiridos nas suas experiências vividas no cotidiano e na sensibilidade do momento.

Observa-se, então, que, no documentário, existe uma possibilidade enorme de variação quanto à utilização de determinados recursos, pois o documentarista tem a liberdade de usar ou não tais recursos: “A figura do locutor (*on* ou *off*); construir o filme apenas em cima de depoimentos; utilizar o recurso da reconstituição para contar a história; criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa; apresentar documentos históricos” (MELO, 2002, p. 26).

Conforme (Melo 2002, p. 24), “[...] o documentário enquanto gênero não pode ser definido a partir da presença de enunciados ‘estereotipados’ ou de tipos textuais fixos (narração, dissertação, injunção)”. Observa-se que é um gênero o qual possui características específicas contribuindo para a compreensão dos temas abordados como, por exemplo, educação, saúde, religião, história, arte, cultura, diversidade e outros.

Identificar e diferenciar um documentário de outros tipos de produção audiovisual como filmes de ficção e reportagens de TV é possível. No entanto, o espectador pode cometer alguns enganos, referentes à interpretação. Faz-se necessário, assim, deixar claro que o documentário tem infinitas abordagens de tema para apresentar.

Sendo o audiovisual uma linguagem híbrida, observa-se sua importante contribuição para o enriquecimento das potencialidades comunicacionais e culturais nos hábitos das pessoas no cotidiano. Oportuniza a reflexão a partir da diversidade de temas associados a um documentário, pois as pessoas usam a linguagem oral, visual acompanhada por gestos e expressões faciais para se fazer entender e transmitir uma informação. Como exemplo, podemos citar a tecnologia: uma perspectiva multimodal da língua, atualmente muito usada no discurso, tanto na sonoridade, na visualidade como na discursividade verbal.

3. O documentário enquanto gênero discursivo

Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2011, p. 263-264), aborda a divisão dos gêneros discursivos entre primários e secundários, deixando claro que os gêneros secundários absorvem e modificam os gêneros primários em sua forma. Estes, mais simples, têm uma relação imediata com a realidade existente, aparecendo na comunicação verbal espontânea do cotidiano; aqueles aparecem em circunstâncias comunicacionais mais complexas, contemplando uma comunicação cultural como nos romances, teatro, comunicação científica, etc.

De acordo com M. Bakhtin (2011/1992, p. 264), a diferença entre os gêneros primários e secundários é crucial para a própria natureza do enunciado. Se colocarmos o foco especialmente no nosso objeto, o documentário *Pro dia nascer feliz*, percebemos que este perpassa pelos gêneros primários do senso comum e se fixa no gênero secundário que, na sua composição, apossa-se dos diálogos da “esfera” do cotidiano, transformando-os em parte de um produto verbal mais complexo.

Para Bakhtin, observa-se que os gêneros do discurso ganham forma à medida que o vocabulário se amplia, enriquecendo os conhecimentos gramaticais nas experiências do cotidiano e da interação social. Portanto, quanto maior o domínio sobre o gênero, maior a autonomia para empregarmos na comunicação e refletir sobre a subjetividade do sujeito. É importante ressaltar que, segundo Bakhtin (2016, p. 20) “[...] a língua em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade dialógica. Todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos”. Assim, as relações de sentido que se estabelecem entre dois ou mais locutores nos enunciados constituem o que ele chama de “dialogismo”, pois é nos enunciados que os personagens são definidos.

O gênero documentário está ancorado nas filmagens externas, os atores são pessoas comuns, faz-se uso de câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo. O filme documentário ou não-ficção apresenta temas relacionados às ideologias existentes no mundo, que proporcionam ao espectador a reflexão dessas realidades. Assim, retomamos as palavras de Nichols (2012, p. 102) quando ele diz que o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos. Diz, ainda, que o documentário ativa a nossa consciência social, é fonte de estímulo para outros, que desejam ardentemente o engajamento criativo e apaixonado nas questões e interesses prementes do momento.

4. O documentário *Pro dia nascer feliz*

O cineasta e pesquisador João Jardim dirigiu e roteirizou o documentário *Pro dia nascer feliz*, objeto desta dissertação, entre os anos de 2004 e 2005, com duração de 88 minutos. Nele, o autor aborda a condição da educação no Brasil, com foco, também, na desigualdade social, partindo das diferentes realidades vividas no contexto escolar e fora dele, em três estados brasileiros: Pernambuco, localizado na região Nordeste, Rio de Janeiro e São Paulo, localizados

na região Sudeste. O documentário apresenta parte da realidade de oito escolas específicas.

O documentário está organizado em blocos⁴. Em cada um deles, o autor apresenta a localização das escolas, os alunos, os professores, os gestores e as dificuldades, ou seja, os conflitos vividos no dia a dia de cada instituição. Ressalta-se que, no colégio particular Santa Cruz, o autor não apresenta entrevista com os professores e gestores.

No primeiro bloco, observa-se o recorte de um documentário da década de 1962, em que o locutor questiona qual seria a melhor educação para os jovens daquela época, que pareciam estar vivendo uma era de exclusão, violência e rebeldia. Partindo desse questionamento, *Pro dia nascer feliz* nos leva a conhecer e a refletir sobre a realidade da Educação no Brasil e a transformação dos jovens entre os anos de 2004 e 2005, ou seja, 44 anos depois do documentário que abordou o mesmo tema.

No segundo bloco, o autor apresenta três escolas, localizadas no Estado de Pernambuco. Ele mostra a realidade das escolas do município de Manari, uma das regiões mais pobres do Brasil, que oferece apenas o Ensino Fundamental. Entrevista alunos, professores e gestores, desmotivados com a instituição e desacreditados da educação enquanto um sistema. Nessas escolas, nota-se a precariedade da parte física e pedagógica.

Ainda neste bloco, observa-se em Inajá, município localizado a 31 km de Manari, a fala de uma professora do curso de magistério, que mostra, na entrevista, sua desmotivação com os alunos e professores. Ela diz que as alunas vão para a escola para se “mostrar”, “namorar”, buscar outros interesses que não perpassam a escola. Ou seja, para ela, os alunos veem a escola como um “escape”. Na perspectiva da professora, a falta de interesse dos alunos desmotiva o corpo docente, chegando a faltar até onze professores por dia. Também é possível observar, na fala das alunas, o interesse em participar das aulas, mesmo com a dificuldade e a precariedade do transporte, que, muitas vezes, impede a frequência e quando se fazem presentes, os professores faltam, e não mandam substitutos.

Já no terceiro bloco, o autor faz referência à escola de Duque de Caxias (RJ) e a sua localização a poucos metros de uma “boca de fumo”. Mostra, na fala dos alunos adolescentes, o medo da violência e da morte; a indisciplina e o desinteresse de um aluno da comunidade, Douglas (que sonha com a carreira militar). Apresenta, também, trechos de uma reunião de

⁴ Blocos são recortes de cenas apresentadas no documentário. A ideia de apresentar as cenas do documentário *Pro Dia Nascer Feliz* em blocos surgiu no grupo de estudos *Narrativa(s) e Memória*, orientado pela Profa. Dra Cilene Pereira. No primeiro semestre de 2018, o documentário foi visto e discutido por esse grupo.

conselho de classe, momento pedagógico em que os educadores decidem a vida escolar do estudante Douglas, que não alcançou a média de aprovação anual, seja por motivo de dificuldade de aprendizagem, infrequência ou indisciplina. Observa-se que a intenção de alguns professores é aprová-lo para se “livrar” dele, no próximo ano.

Temos, ainda, neste bloco, a explanação da coordenadora Edlane, do núcleo de cultura da escola do qual o jovem Douglas participa. Ela tem uma fala coerente e objetiva sobre a importância do núcleo na vida desse aluno, que precisa ser acompanhado, pois ele é influenciado pela realidade da “bandagem” em que vive. Caso contrário, o aluno terá outro perfil.

No quarto bloco, o documentário *Pro dia nascer feliz* perpassa, também, o dia a dia de instituições de São Paulo e retrata as falhas nos sistemas de avaliação, em escolas públicas, nas quais os alunos são aprovados, mesmo sem terem alcançado os objetivos suficientes para avançar nos estudos.

Em Itaquaquecetuba, os jovens enfrentam uma instituição desestruturada e um ensino precário: geralmente falta tudo, inclusive a merenda escolar. Os jovens parecem não ver sentido, não se sentem estimulados em estudar para transformar suas vidas. Não têm perspectivas e acabam se acomodando e/ou se revoltando contra tudo e contra todos, de modo que isso fica evidente nos dizeres de alunos e professores depoentes do documentário.

Continuando no quarto bloco, a professora Celsa, da escola Piratininga II, diz que a escola fica na “periferia da periferia”, ou seja, os alunos não têm condições de fazer atividade extraclasse, como ir ao cinema, ao teatro, etc. A diretora da mesma escola afirma que os alunos e os pais gostam da instituição, os alunos têm se destacado no ENEM e a escola tem professor “eventual”; aquele professor que substitui o professor regente, portanto, os alunos não são dispensados na falta do professor.

Outra fala que observamos, nesta instituição, foi a do aluno Ronaldo, que diz que a escola não está melhorando, conforme o governo e a própria instituição afirmam. Ele tece uma crítica ao programa “Pró Universitário” e às “cotas”, nas universidades públicas. Fala, ainda, das faltas dos professores na escola e de como essas faltas comprometem o aprendizado, pois os alunos são liberados das aulas com frequência, contestando a fala da diretora. Chegam, às vezes, a não assistir a nenhuma aula. Diante dessa realidade o aluno tem como propósito entrar para um seminário. Podemos perceber que o discurso deste aluno representa uma oposição em relação à fala da diretora.

Este bloco também mostra um debate sobre gênero, no projeto do Fanzine, na escola, sob a orientação da professora Celsa. A professora Suzana, diz “[...] não acreditar mais na escola nos moldes em que ela existe. Ela deve ser repensada, pois ela não cumpre mais sua função”. O documentário nos leva a refletir sobre o discurso da professora Celsa, que diz: “Ser professor... é uma carga física e mental muito grande. É mais do que um ser humano pode suportar”.

E ainda neste bloco, o autor/diretor apresenta o colégio Santa Cruz, instituição particular, localizado no Alto de Pinheiros, bairro paulista. Traz alunos que se locomovem com segurança e têm acesso a uma tecnologia diferenciada. Mostra-se uma escola com boa infraestrutura, organizada, com professores capacitados e alunos estudiosos, como a aluna Ciça que descreve o colégio como exigente e disciplinado. Um colégio que “[...] tenta ver além do que é a pessoa”. Ela relata as dificuldades em deixar sua zona de conforto para ajudar os mais necessitados. Numa roda de conversa, outros alunos vão se posicionando quanto a alguns questionamentos sobre a desigualdade social e o mundo em que vivemos. Ainda nesta conversa, uma aluna diz: “[...] acho que uma pessoa se reflete muito nos pais. Os pais são a base”.

No quinto bloco, o autor/diretor mostra o relacionamento conturbado dos adolescentes com suas famílias, nos três Estados brasileiros já citados. Os adolescentes de escola pública descrevem como sentem falta de abraços e carinho dos pais. Relatam que alguns pais trabalham tanto que nem conhecem seus filhos, não sabem nada sobre eles. Uma adolescente fala com tristeza que, há cinco anos, seu pai não conversa com ela. Em Pernambuco, uma jovem diz que o pai só a registrou; nunca lhe deu uma palavra de carinho.

A diretora Suzana, da escola Estadual Levi Carneiro, localizada na periferia de São Paulo, relata que os pais dos alunos são violentos, bandidos, “o reflexo da sociedade”. Na escola, o professor se sente agredido pelos alunos, com palavrões e falta de respeito. Ela diz que “[...] a vida dos alunos é tão dura, tão sem graça, tão difícil, que, para eles, tanto faz morrer ou ir para a ⁵FEBEM, não têm nada a perder”.

No sexto bloco, o documentário mostra o relato de uma adolescente que, por um motivo fútil, comete um homicídio contra sua amiga. É possível observar, durante o relato, alguns momentos de risos e ironia dessa adolescente, ao relatar, com detalhes, essa triste realidade. No mesmo bloco, outros adolescentes relembram o assassinato ocorrido dentro da escola.

⁵FEBEM Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor.

A jovem não demonstra arrependimento quando diz, na entrevista, “[...] a vida dela um dia ia acabar, só adiantei”. Outros jovens relatam que não acreditam na escola, pois estudam e não conseguem entrar no mercado de trabalho. Justificam a criminalidade na qual estão inseridos, retratando a realidade dos políticos no Brasil: “Eles estão colhendo o que eles plantaram”.

No sétimo e último bloco, o autor/diretor retorna a cena para o estado de Pernambuco, onde uma aluna declama um poema, fazendo a intertextualidade com o poema de Gonçalves Dias: *Canção do exílio*. Em sua versão, a aluna se retrata como se ela estivesse morando fora de Manari. Outra cena que leva o espectador a refletir são as imagens no olhar dos alunos que, mesmo na precariedade e na pobreza, sonham com dias felizes.

Este bloco nos remete a uma observação sobre o documentário, já que, mesmo sendo este de poucos minutos, oferece aos espectadores uma “janela para o mundo histórico”. Assim, “[...] do nosso cantinho no mundo, olhamos para fora, para alguma parte do mesmo mundo” (NICHOLS, 2012, p. 117). A partir dessa afirmação de Nichols, é possível dizer que o autor/diretor, ao produzir as últimas cenas do documentário *Pro dia nascer feliz*, em Pernambuco, no município de Manari, tem a intenção de mostrar que, independente do lugar e da situação social em que se vive, é possível sonhar e buscar novos rumos para se alcançar seus objetivos de vida e conservar suas origens.

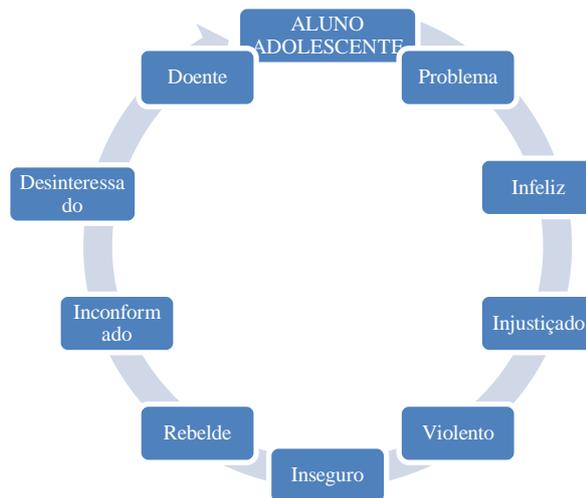
No documentário, é possível verificar como o aluno adolescente é percebido nas vozes dos participantes do documentário e como o ponto de vista do diretor é revelado. Percebemos que os alunos são categorizados, muitas vezes, como desinteressados, doentes, infelizes, marginais, aqueles que não querem nada da vida, mas, muitas vezes, também como interessados.

5. Síntese dos principais resultados

No documentário *Pro dia nascer feliz* o autor/diretor busca a intertextualidade com um documentário da década de 60, que aborda o tema da educação como um panorama sombrio, momento distinto da educação do século XXI, nos anos de 2004/2005, pois destacamos neste século o uso das tecnologias, que contribuem para o conhecimento de mundo do aluno e sua transformação a partir do contexto social e cognitivo, tornando-o mais autônomo e independente. Assim, observamos, nas vozes dos participantes do documentário, a dificuldade

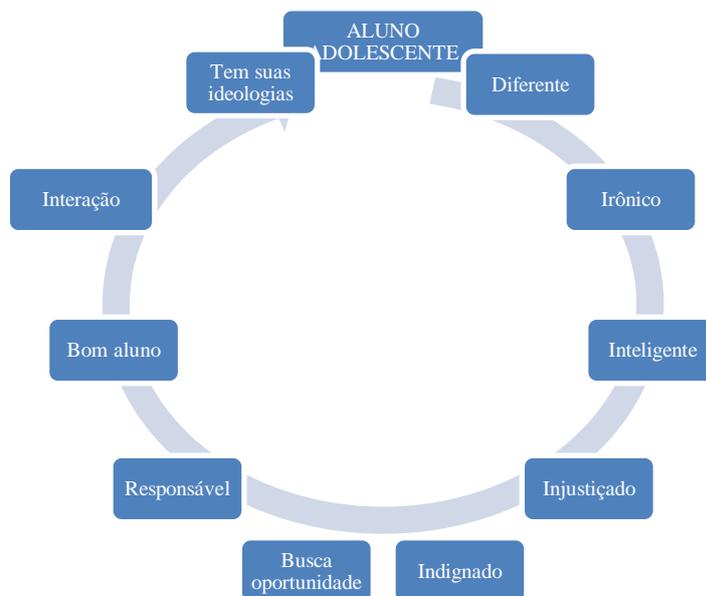
entre os professores e a comunidade escolar em compreender esse “novo” aluno adolescente.

Verificamos como o aluno adolescente é, na maioria das vezes, percebido nas vozes dos professores e diretores participantes do documentário *Pro dia nascer feliz* como uma juventude transviada apresentado no ciclo a seguir:



- 1- Esse ciclo contínuo ilustra a (re) categorização do aluno adolescente nas vozes dos professores e diretores. Fonte: elaborado pela autora.

Notamos ainda, como os alunos adolescentes se constroem nos seus próprios discursos no documentário:



- 2- Esse ciclo contínuo ilustra a (re) categorização do aluno adolescente nas suas próprias vozes no documentário *Pro dia nascer feliz*. Fonte: elaborado pela autora.

Para melhor explicar esse ciclo, buscamos uma citação de Roland Barthes (1990), em que ele coloca “[...] as possibilidades de leitura de uma mesma lexia (uma imagem)”:

A diversidade das leituras não é, no entanto, anárquica, depende do saber investido na imagem (saber prático, nacional, cultural, estético); esses tipos de saber podem ser classificados em uma tipologia; tudo se passa como se a imagem se expusesse à leitura de muitas pessoas, e essas pessoas podem perfeitamente coexistir em um único indivíduo: *a mesma lexia (imagem) mobiliza léxicos diferentes*. Léxico é uma parte do plano simbólico (da linguagem) que corresponde a um conjunto de práticas e de técnicas é exatamente o caso das diferentes leituras da imagem: cada signo corresponde a um conjunto de “atitudes”. (BARTHES, 1990, p. 38)

Corroborando com Barthes, o aluno se vê no documentário de forma distinta dos educadores e gestores. O aluno adolescente acredita ser competente e capaz de desenvolver suas habilidades cognitivas para consolidar o conhecimento.

Esperamos que as reflexões apresentadas neste artigo contribuam para a compreensão dos interlocutores, no que tange ao documentário enquanto um gênero audiovisual; a Linguística Textual o Texto e a Textualidade. Este trabalho trouxe para o leitor a importância do legado da LT na interação social, na construção dos sujeitos e no conhecimento da linguagem.

Conclusão

Nessa perspectiva, avaliamos a importância da pesquisa para a transformação do aluno adolescente no contexto escolar e fora dele, e na diversidade do mundo que o cerca, pois o que se espera entre o locutor e o receptor, aqui professor e aluno, é a interação e a comunicação efetiva entre eles. É essa interação e comunicação que fará a diferença na transformação da educação.

Concluimos, com essa pesquisa, que, no documentário *Pro dia nascer feliz* tanto os alunos quanto os professores e diretores têm ideias opostas em relação à construção do aluno adolescente. Para minimizar esse problema, mostramos nessa pesquisa que se faz necessário que, no espaço escolar, a comunicação seja eficaz, a interação aconteça, haja a valorização do contexto social e cognitivo, principalmente do aluno.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luis Carlos Gil. (Org.) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO 2007, 1ª edição. Brasília 2009, p. 21-34.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011/1992, p. 261-306.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à lingüística textual. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Estratégias textual – discursivas de construção do sentido*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.103-128.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-99.
- MEDEIROS, Priscilla; GOMES Isaltina Maria de Azevedo Mello. Gênero e Dialogismo: Um olhar sobre o documentário Ambiental a partir de Michail Bakhtin e Bill Nichols. *Doc On-line*, n.16, setembro 2014, p. 158-178. Disponível em:<www.doc.ubi.pt>. Acesso em 07 mai 2018.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira. O documentário como gênero audiovisual. *Comun. Inf.*, v.5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez. 2002.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Trad. Mônica Saddy Martins. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Campo Imagético).
- PENAFRIA, M. *O filme documentário: história, identidade, tecnologia*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 34.

**Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em novembro de 2019.**